



SÍRIA

A caminho de Damasco

Líder dos rebeldes confirma que objetivo da revolução é a derrubada do regime de Bashar Al-Assad. Especialista avalia que a queda parece iminente. Insurgentes tomam as cidades de Hama e de Dera e se aproximam de Homs

» RODRIGO CRAVEIRO

Arquivo pessoal

Após três horas e meia de Damasco, 240km rumo ao norte, rebeldes e jihadistas celebraram a tomada da cidade de Hama com um recado a Bashar Al-Assad. Derrubaram a imensa estátua do ex-presidente Hafez Al-Assad, pai do atual ditador, e a arrastaram pelas ruas. Pouco depois, avançaram mais 90km e se aproximaram de Homs, a terceira maior cidade da Síria, a 150km da capital.

"Quando falamos de objetivos, o objetivo da revolução continua sendo derrubar este regime", declarou Abu Mohammad Al-Jawlani, líder do grupo islamista radical Hayat Tahrir al Sham (HTS), que comanda a ofensiva sem precedentes. "Temos o direito de usar todos os meios disponíveis para alcançar essa meta", acrescentou, em entrevista à emissora CNN. O HTS chegou a manter laços com a rede terrorista Al-Qaeda.

Depois de tomarem Aleppo (nordeste) e Hama, os insurgentes abriram uma nova frente de combates, no sul do país, e conquistaram Dera, berço da insurreição de 2011. "As facções locais assumiram o controle de mais áreas da província de Dera, incluindo a cidade de Dera (...) Agora, controlam mais de 90% da província, enquanto as forças do regime se retiraram", declarou a ONG Observatório Sírio de Direitos Humanos.

A rebelião começou em 27 de novembro, a partir de Idlib, no noroeste do território sírio. Em Sweida (sul), funcionários do regime, incluindo o governador regional, abandonaram os prédios administrativos, enquanto grupos armados aproveitaram a retirada do Exército para tomar um posto fronteiriço com a Jordânia na província de Dera.

"Gentis"

O fotógrafo e pesquisador sírio Fared Al-Mahlool estava, ontem, em outra região de Hama e não viu a estátua de Hafez ser vandalizada. De acordo com ele, os moradores da cidade estão "muito felizes pela Tahrir (libertação)". "Os combatentes estão nas ruas, protegendo Hama, e são muito gentis com os civis.

Eu acho...



Mohammed Al-Jawlani, o líder dos rebeldes, pertenceu ao Estado Islâmico e à rede Al-Qaeda. Ele alega ter abandonado esse passado e assumido seu nome de infância, Ahmed Al-Sharaa, ao preferir seu nome de guerra, Al-Jawlani. É uma incógnita como ele acomodará a diversidade do povo sírio."

Joshua Landis, especialista em Síria e professor da Universidade de Oklahoma

Al-Assad e seus aliados tornaram muito difícil a vida dessas pessoas. Elas fazem café e saem de suas casas para oferecer aos combatentes", contou ao Correio, por meio do WhatsApp.

Al-Mahlool afirmou que Bashar Al-Assad perdeu o controle da nação. "Por aqui, dizem que ele está no Irã, e que sua família viajou para a Rússia e para os Emirados Árabes Unidos", relatou. "O que ocorre na Síria é algo muito positivo e excitante. Os rebeldes avançam, primeiro, até Homs. Depois, para Damasco. O regime de Bashar colapsou, politicamente. É um grande progresso e uma enorme vitória", comemorou. Aviões da Rússia e da Síria lançaram bombas sobre posições perto de Homs, deixando ao menos 20 mortos.

A ONU estima que 370 mil sírios, em sua maioria mulheres e crianças, tornaram-se deslocados internamente. Por meio de um comunicado conjunto, os chanceleres Bassam Al-Sabbagh (Síria), Abbas Araghchi (Irã) e Fuad Hussein (Iraque) advertiram que o avanço das forças de oposição a Al-Assad representam um grave perigo à região. O trio de países classificou as forças da oposição síria como "terroristas" e cobrou uma "ação coletiva" para confrontar a ameaça.

O presidente turco, Recep Tayyip Erdogan, expressou apoio

aos insurgentes. "Direi que o nosso desejo é que esta marcha na Síria continue sem quaisquer acidentes ou dificuldades. Caso vocês se recordem, telefonamos para Al-Assad e dissemos: 'Venha, vamos conversar sobre a Síria e sobre seu futuro'. Infelizmente, não obtivemos uma resposta positiva", declarou a jornalista, em Istambul. Na noite de ontem, o governo dos EUA recomendou aos seus cidadãos que "saíam da Síria agora", enquanto ainda há voos comerciais.

Mudança

Em entrevista ao Correio, Joshua Landis — especialista em Síria e professor da Universidade de Oklahoma — previu a derrocada de Bashar Al-Assad. "Parece-me bem claro que o regime de Al-Assad está prestes a cair. As forças rebeldes começaram a atacar Homs, uma cidade-chave. Por sua vez, o Exército sírio não mais parece disposto a lutar", afirmou, por e-mail. "Acredito que os rebeldes tomarão Damasco nas próximas semanas, se não antes disso. Isso será o prenúncio de uma grande mudança no equilíbrio regional de poder, e, claro, no futuro do povo sírio."

De acordo com Joshua Landis, Al-Jawlani insiste que não é mais um jihadista com ambições para além da Síria. "Ele fez um trabalho extraordinário ao se unir a um departamento de mídia profissional para mudar sua imagem e tranquilizar os cristãos sírios. Tanto que seus soldados se fotografaram perto de árvores de Natal e de igrejas. Por outro lado, também há vídeos de militantes derrubando árvores de Natal em Aleppo e destruindo lojas de bebidas."

Para o estudioso, será preciso aguardar para entender até que ponto Al-Jawlani estaria disposto a acomodar tradições e liberdades não-muçulmanas. "Os sírios alaúitas, que apoiaram Al-Assad e os militares sírios, estão receosos de sofrerem ataques motivados por vingança", disse Landis.

A guerra civil síria, que começou em 2011, deixou 500 mil mortos. A nova ofensiva coincide com o 14º aniversário da Primavera Árabe, a série de protestos que se estendeu do norte da África ao Oriente Médio e teve início em 18 de dezembro de 2010.

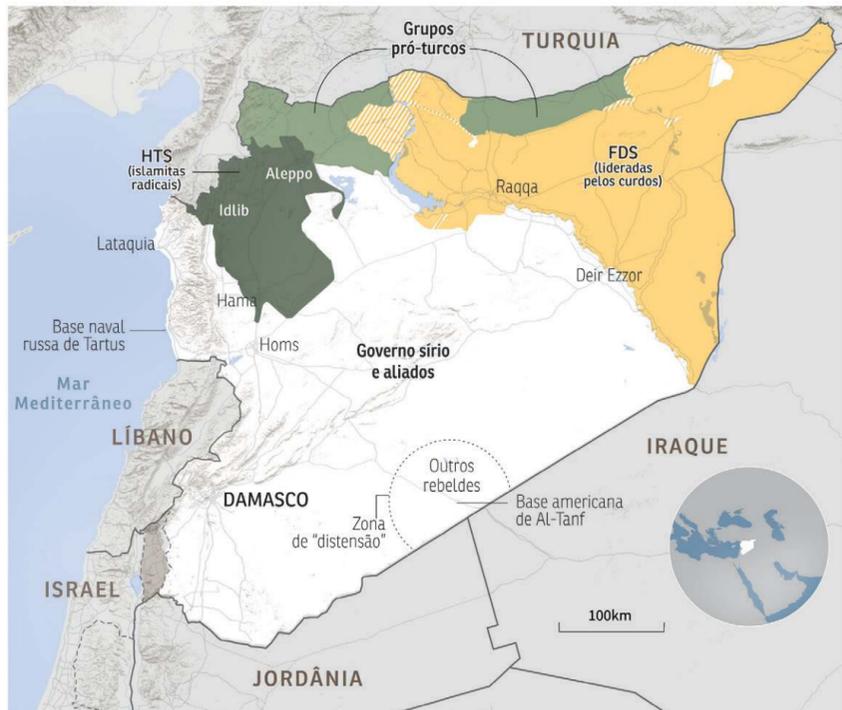
Muhammad Haj Kadour/AFP



Caminhão arrasta a cabeça da estátua de Hafez Al-Assad, pai de Bashar Al-Assad, em Hama (centro-oeste)

Zonas de influência das diferentes forças presentes na Síria

Zonas aproximadas em 5 de dezembro às 16h (Bras.)



Fonte: Institute for the Study of War e AEI's Critical Threats Project

Dados cartográficos: OSM, Nasa

Conexão diplomática



por Silvio Queiroz
silvioqueiroz.df@gmail.com

Um oceano separa Mercosul e Europa

A esperada conclusão do acordo de associação entre Mercosul e União Europeia tem o potencial de abrir um novo capítulo nas negociações que se arrastam por 25 anos. O epílogo da novela, porém, parece ainda algo distante. Resta dobrar resistências palpáveis nos parlamentos dos países envolvidos. Em particular, a França de Emmanuel Macron envia sinais de que seguirá articulando os descontentes para barrar um texto que o presidente qualifica como "inaceitável" — como repetiu no dia em que Ursula von der Leyen, a presidente da Comissão Europeia (CE, braço executivo da UE), desembarcava em Montevideu para acompanhar a cúpula do bloco sul-americano.

Foi de Paris que partiram os obstáculos colocados ao processo depois da assinatura do acordo inicial, em 2019, celebrado com entusiasmo pela diplomacia brasileira. No retorno ao Planalto, em 2023, Lula definiu como uma

das prioridades de política externa a retomada das negociações transatlânticas. Acabou trombando com as cláusulas ambientais incluídas no texto por iniciativa francesa, consideradas pelo Brasil extemporâneas e prejudiciais às exportações agrícolas sul-americanas.

Com o empenho do assessor especial Celso Amorim, que dedicou esforços ao livre-comércio com a Europa nos oito anos em que chefiou o Itamaraty — nos primeiros mandatos de Lula —, a linha de chegada parece novamente à vista, como escreveu Von der Leyen nas redes sociais, enquanto sobrevoava o oceano a caminho do Uruguai.

Show de milhões

À primeira vista, soa quase inverossímil que algum governante se oponha a um tratado capaz de estabelecer uma área de livre-comércio com 700 milhões de pessoas — a maior do mundo. Do ponto de vista brasileiro, as exportações

do agro, em especial, prometem acrescentar até meio bilhão de dólares anuais à balança comercial. São esperados também novos fluxos de investimentos europeus, além de vantagens na importação de insumos industriais.

O pirão de cada um

É na desigualdade dos riscos e oportunidades para diferentes setores da economia — de ambos os lados do Atlântico — que se distribuem as resistências e estímulos ao acordo. Não por acaso, são os agricultores que comandam a oposição, do lado europeu: tanto mais sob o impacto da pandemia e dos custos da guerra na Ucrânia, eles temem a entrada da produção concorrente sul-americana. No início do ano, tratores bloquearam estradas pelo continente. Os protestos se repetiram no mês passado, principalmente na França e na Polônia, durante a cúpula do G20 no Rio de Janeiro.

Do lado de cá, é a indústria quem se mostra mais reticente, por motivos semelhantes aos que preocupam o agro europeu. A situação é mais difícil no Brasil, onde a desindustrialização avança, porém com rapidez menor que a verificada, por exemplo, na Argentina. Com tarifas em queda, os manufaturados europeus vislumbram a conquista de um mercado precioso, tanto mais com o horizonte de protecionismo em escalada nos EUA, sob o novo governo de Donald Trump. A Alemanha, cuja indústria sofre com a crise, tem o governo mais empenhado na conclusão do acordo.

Em resumo, lá como cá, vale o ditado segundo cada qual trata de garantir farinha para o próprio pirão.

Ecoprotecionismo

Não é por coincidência que Macron puxa a fila da rejeição na Europa. Desde que se reeleger, há dois anos, ele enfrenta seguidas ondas de protestos — inclusive, e principalmente, dos agricultores. Foi para atender a eles que decidiu introduzir as cláusulas ambientais ao texto do acordo, e que insiste em travar sua ratificação. Nas discussões

que tiveram sobre o assunto, em diferentes ocasiões, Lula acusou o colega de praticar uma espécie de "protecionismo verde".

Na última quinta-feira, o presidente francês viu seu primeiro-ministro, Michel Barnier, renunciar depois de a Assembleia Nacional ter votado, com maioria folgada, uma moção de censura — apoiada pela oposição de esquerda e de extrema-direita. A maioria presidencial eleita em 2022 se desfez nas eleições antecipadas que o próprio Macron convocou, em julho, depois de seu partido ser castigado na votação para o Parlamento Europeu. A Constituição lhe dá a prerrogativa de nomear o substituto, sem depender dos deputados, mas o novo gabinete terá de começar os trabalhos pela aprovação do orçamento para 2025 — justamente a pedra que fechou os caminhos para Barnier.

É assim, enfraquecido internamente, que o presidente francês terá de tentar barrar o acordo com o Mercosul no Conselho da UE. Lá, porém, terá de reunir uma "minoria qualificada": ao menos quatro dos 27 países-membros, mas com uma população somada que corresponda a 35% do conjunto do bloco.